

**A PASSAGEM DOS REVOLTOSOS POR PONTA PORÃ:
UM EXAME DE ESCALAS EM NARRATIVAS
COINCIDENTES**

Paulo Cezar Vargas Freire

Arquiteto e pesquisador, mestre em História Social pela Universidade de Brasília,
associado efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.
pcvfreire@gmail.com

FREIRE, Paulo Cezar Vargas. A passagem dos revoltosos por Ponta Porã: um exame de escalas em narrativas coincidentes. *albuquerque* – revista de história. vol. 6, n. 12. jul.-dez./2014, p. 6-30.

Resumo: Este artigo examina diferenças e similitudes em algumas narrativas de eventos ocorridos em um trecho da marcha que depois ficou conhecida como Coluna Prestes. O município de Ponta Porã, nesse tempo, tinha como limites os rios Ivinhema, a Norte, e Paraná, a Leste, as serras de Maracaju, a Sul, e a de Amambaí, a Oeste. A partir de 1935, foi sendo desmembrado, até chegar aos atuais vinte e oito municípios. A denominação de “revoltosos” predominou nas entrevistas e entre autores que se posicionaram contra a Coluna Revolucionária. Entretanto, seu emprego neste artigo se justifica por ser, hoje e no passado, o termo mais utilizado pela população local para se referirem a esses eventos, enquanto a de “revolucionários” é mais frequente a outros.

Palavras-chave: Coluna Prestes, Revoltosos, Revolucionários.

Abstract: Este artículo examina las diferencias y similitudes en algunas narraciones de eventos ocurridos en un tramo de la marcha que más adelante se conocía como la Coluna Prestes. El municipio de Ponta Porã, en aquel momento, limita la Ivinhema río norte y Paraná, en el este, las Sierras de Maracaju al sur y al oeste de Amambaí. Desde 1935, estaba siendo desmembrada, hasta los actuales 28municipios. El nombre de "rebeldes" prevaleció en las entrevistas y entre los autores que se han posicionado contra la columna revolucionaria. Sin embargo, su uso en este artículo se justifica por ser, hoy en día y en el pasado, el término más comúnmente utilizado por los lugareños para referirse a estos eventos, mientras que los "revolucionarios" es más común.

Key-words: Coluna Prestes, Insurgentes, Revolucionarios.

Introdução

Este artigo examina diferenças e similitudes em algumas narrativas de eventos ocorridos em um trecho da marcha que depois ficou conhecida como Coluna Prestes. O município de Ponta Porã, nesse tempo, tinha como limites os rios Ivinhema, a Norte, e Paraná, a Leste, as serras de Maracaju, a Sul, e a de Amambaí, a Oeste. A partir de 1935, foi sendo desmembrado, até chegar aos atuais vinte e oito municípios.

A denominação de “revoltosos” predominou nas entrevistas e entre autores que se posicionaram contra a Coluna Revolucionária. Entretanto, seu emprego neste artigo se justifica por ser, hoje e no passado, o termo mais utilizado pela população local para se referirem a esses eventos, enquanto a de “revolucionários” é mais frequente a outros.

O espaço entre o tempo da escrita e do acontecimento demanda um exame de cada ponto de vista. Pensando nas categorias propostas por Koselleck,¹ foram então escolhidas cinco narrativas que podem ser consideradas autobiográficas: de Lourenço Moreira Lima (advogado, comissionado para escrever o *Diário da Marcha*, publicada em 1ª edição após a Revolução de 1930, corrigida e revista na 2ª edição de 1945); de Bertholdo Klinger (publicada em 1948); a autobiografia do tenente João Alberto Lins de Barros (publicada em 1953); do tenente João Cabanas (4ª. edição, publicada em 1927, com paradoxal patrocínio da Companhia Matte Larangeira); e a de Pedro Ângelo da Rosa (que apesar de publicada em 1962, ainda assim, manteve vigor de uma narrativa autobiográfica).

¹ Para obter a compreensão do tempo histórico, o espaço da experiência e o horizonte da expectativa “constituem uma diferença temporal dentro do aqui e agora, juntando o passado e o futuro de forma assimétrica”. KOSELLECK, Reinhart. *The practice of conceptual History: Timing History, Spacing Concepts*. Stanford, California: Stanford University, 2002, p. 127.

Os trechos dos depoimentos relacionados com esse acontecimento são ladeados com depoimentos orais tomados de Nenê Saldanha e Ernesto Vargas Baptista.² No exame dos vários pontos de vista, percebe-se uma redução da escala de observação no depoimento oral. Enquanto a narrativa da filha de Prestes, Anita Leocádia, de 1990, reforça o ponto de vista externo e mais distante, as autobiografias se aproximam da escala dos depoimentos coletados. Esses relatos brotaram com facilidade nas lembranças da população mais antiga da região e não foi difícil colher mais depoimentos. Os diversos pontos de vista examinados neste artigo convidam a entender a dinâmica desse acontecimento.³

A Coluna paulista

Quando o movimento que ficou conhecido como a revolução de 5 de julho de 1924 irrompeu em São Paulo, os rebeldes ocuparam a capital por três semanas, sob o comando do general Isidoro Dias Lopes e do major da Força Pública de São Paulo Miguel Costa. Pressionados pela ação conjunta das forças policiais de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul e, principalmente, pelo bombardeio da cidade, seguiram para Mato Grosso, onde pretendiam se estabelecer, com a constituição do Estado Livre do Sul, a *Brasilândia*.

João Cabanas argumentou que, para fazer estacar na margem paulista ou paranaense o exército que os perseguia, era o suficiente e bastante “tomar posse de Três Lagoas com um forte contingente e *artilhar* os pontos acessíveis da barranca do Paraná”. As outras cidades do sul do estado teriam os recursos materiais de que viessem a necessitar. Os canhões do forte de Coimbra embargariam o passo de qualquer navio que tentasse subir o rio Paraguai. “Seríamos senhores de todo o sul do Estado”.⁴

² Nenê Saldanha (1925) é primo de Adjalmo Saldanha (ex-deputado federal por Mato Grosso) e viajou muitas vezes com ele; Ernesto Vargas Baptista (1918-2011), engenheiro agrônomo, nascido em Amambai, foi prefeito de Amambai e Iguatemi e, depois, secretário de Obras Públicas do Estado de Mato Grosso no governo José Fragelli.

³ Ver WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade. Tradução de Jaime de Almeida. *Textos de História: Revista da Pós-Graduação em História da UnB*, v. 11, n.º 1-2, 2003, p. 89-127.

⁴ CABANAS, João. *A Columna da Morte: sob o commando do Tenente Cabanas*. Rio de Janeiro, 4 ed., 1926, p. 164-166. Quando João Cabanas publicou seu livro, escrito em seu exílio no Paraguai, os revoltosos já haviam passado por Ponta Porã. Também já haviam desistido da proposta de constituir o Estado Livre do Sul.

Seria quase impossível o acesso de tropas do governo, pelo Norte, pelas picadas que defendiam as linhas telegráficas do general Rondon, pela própria natureza do terreno em que teriam de movimentar-se. Pequenas colunas volantes impediriam com facilidade a passagem dos legalistas que viessem pelas estradas *boiadeiras* de Minas Gerais para o território mato-grossense. “A revolução, senhora de um grande Estado da União, estabelecerá aí o seu governo e somente a cobrança de impostos de exportação da erva-mate,⁵ daria de sobra para sustentá-la”.

A tropa do general Isidoro veio pela estrada de ferro Paulista, até Bauru e, depois, pela Sorocabana até o Porto Tibiriçá. Ao chegar ao rio Paraná, a vanguarda dos revoltosos teve que enfrentar numerosa tropa inimiga em território mato-grossense, comandada pelo coronel Germano Fechner, entrincheirado na margem direita, na foz do rio Pardo.⁶ Alguns vapores, com forças militares legalistas, foram aprisionados nesse porto. Porém, as forças comandadas por Juarez Távora, que seguiram para Três Lagoas pela Noroeste, sofreram sério revés quando tentavam ocupar Porto Independência.⁷

Uma semana depois do início do movimento, em Bela Vista, os oficiais do 10º R.C.I., tenentes Riograndino Kruehl,⁸ Cezar Bacchi de Araújo, Pedro Martins da Rocha, Jorge Lobo Machado e o médico Umberto Perreti revoltaram aquela unidade e prenderam o comandante tenente-coronel Péricles de Albuquerque.

No mesmo dia, houve reação. Os oficiais revoltosos foram presos e levados para a sede da Circunscrição Militar, em Campo Grande.⁹ Houve também um levante no 17º B.C., em Corumbá. Liderados por dois sargentos, Adalberto Granja e Antônio Carlos de Aquino, cento e vinte soldados prenderam o comandante da unidade. Ainda durante a madrugada, ocuparam a estação de telégrafo e deram voz de prisão ao delegado de polícia, que, junto com dez soldados da Polícia Militar, foi recolhido ao xadrez do quartel. O tiroteio se estendeu até uma hora da tarde, quando os rebeldes se renderam à resistência

⁵ Em sua mensagem à Assembleia Legislativa, o governador do estado de Mato Grosso até 1924 Pedro Celestino Corrêa da Costa estimou a receita da Empresa Matte Larangeira em 30 mil contos de réis.

⁶ LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna Prestes: Marchas e Combates*. São Paulo: Alfa Omega, 1934, p. 100.

⁷ TÁVORA, Juarez. *Uma Vida e Muitas Lutas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, p. 148.

⁸ Ele fora transferido para Bela Vista, poucos dias antes do levante, após curta passagem por Campo Grande. Enviado para o Rio de Janeiro, passou oito meses em diversas prisões. Conseguiu fugir, mas foi preso outra vez e enviado para responder um processo em Bela Vista. Voltou a Campo Grande e fugiu novamente, entrou no Paraguai e exilou-se depois em Buenos Aires. Dedicou-se, a partir daí, à plantação de erva-mate na província de Misiones (Argentina), atividade que permaneceu ligado por muitos anos.

⁹ ROSA, Pedro Ângelo da. *Resenha Histórica de Mato Grosso (Fronteira com o Paraguai)*. Campo Grande: Ruy Barbosa, 1962, p. 71-78.

organizada pelo comandante da flotilha de Ladário. O sargento Aquino foi fuzilado por ordem do comandante da unidade.¹⁰

Descendo o rio Paraná

Os revoltosos desceram o rio Paraná em quatro pequenos vapores tomados em Porto Tibiriçá, com artilharia, cavalaria, munição e bagagens.¹¹ O transporte das forças foi feito em viagens sucessivas de ilha em ilha, com a tropa marchando, muitas vezes, pelas margens e travando renhidos combates com o inimigo. À margem direita do Paraná, em território de Mato Grosso, no passo Jacarezinho,¹² fora estendida trincheiras legalistas comandadas pelo tenente-coronel Péricles de Albuquerque.

O comandante da Circunscrição Militar de Mato Grosso, general João Nepomuceno da Costa, nessa operação, envolveu civis, comandados pelos *coronéis guerreiros* Germano Fechner, Valencio de Brum, Mário Gonçalves, Quincas Nogueira e o major Gomes.¹³

Mais acima, houve um enfrentamento entre as duas forças, que acabou com a rendição do major Arlindo d'Oliveira, com 220 homens, após o vapor em que iam encalhar na ilha da Figueira.¹⁴ Com isso, a Brigada Miguel Costa ficou separada da artilharia.

O general Bernardo Padilha ocupou o Porto São José, com os revoltosos, e defendeu a posição contra as forças do cel. Péricles no Porto São João. Enquanto duraram os combates, não conseguiu descer o rio. Finalmente, os dois lados abandonaram suas posições, por falta de munição e alimentos.¹⁵ O batalhão Coriolano, que descia a pé pela margem direita do Paraná, ocupou então o Porto de São João e a Coluna da Morte, o outro porto.

¹⁰ LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna...*, *op.cit.*, p. 91-94.

¹¹ CABANAS, João. *A Columna...*, *op.cit.*, p. 196-197. Dos 300 cavalos disponíveis, Cabanas conseguiu embarcar apenas 40, “por deficiência de gente para encarregar-se de serviços desta natureza”.

¹² Entre os portos de São João, em Mato Grosso, e São José, no Paraná.

¹³ ROSA, Pedro Ângelo da. *Resenha...*, *op.cit.*, p. 56. Para o conceito de *coronéis guerreiros*, ver CORRÊA, Valmir Batista. *Coronéis e Bandidos em Mato Grosso: 1889-1943*. Campo Grande: Editora UFMS, 1995.

¹⁴ CABANAS, João. *A Columna...*, *op.cit.*, p. 209-217.

¹⁵ *Ibidem*, p. 218-221.

No dia seguinte da instalação, o estado-maior deu ordens para inverterem as posições. Dois tenentes desceram em uma lancha até Guáira, para verificar se ali estava o escalão de vanguarda, comandado pelo general João Francisco Pereira de Sousa. No Porto D. Carlos, a pequena embarcação foi alvejada por tiros das forças legalistas estacionadas ali. Chegando a Guáira e relatando os fatos, um batalhão, com duas peças de artilharia, saiu para desalojá-los.

Pela madrugada rompeu o bombardeio [...]. As lanchas rumaram por entre as ilhas e desembarcando a tropa em terra firme [...]. Combinados os dois fogos, artilharia e infantaria, o inimigo em poucos momentos desapareceu e foi cantar victoria pela bocca dos tenentes commissionedos nos altos da serra de Maracajú.¹⁶

Depois desse embate, a tropa estacionada nos portos de São José e São João desceu até Guáira. Uma companhia da Coluna da Morte foi destacada no Porto Baunilha e o restante tomou posição no Porto D. Carlos, por quatro dias, descendo, depois, ao encontro dos outros. A Coluna demorou três meses para deslocar-se de São Paulo até Guáira.

A Coluna gaúcha

No final de outubro de 1924, a revolta explodiu em Uruguaiana, São Borja, São Luiz, Santo Ângelo e Alegrete. Em São Borja, o capitão Prestes substituiu Juarez Távora no comando da revolução no Rio Grande do Sul e seguiu para São Luís, com destino a Foz do Iguaçu. Enquanto isso, o tenente João Alberto permaneceu em São Borja, para permitir às famílias de seus companheiros de luta que imigrassem em paz para a Argentina. Sabia que se projetavam represálias contra os revoltosos. Reuniu em São Borja mais de duzentos homens, que iriam constituir o núcleo do 2º Destacamento. Em São Luiz teriam ao todo cerca de mil homens bem armados, entre as três unidades do Exército, além de mil civis, quase desarmados.

O acampamento atraiu voluntários civis que, ansiosos de colaborar com a revolução, continuaram a apresentar-se. Grande parte da tropa comandada pelo tenente

¹⁶ *Ib.*, p. 225.

João Alberto era paisana e os próprios militares não dispunham de uniformes de reserva. Abriram mão então dos uniformes e usavam o chapéu de aba larga com fita vermelha, distintivo dos revoltosos. A Coluna não tinha abastecimento próprio. Vivia do que ia encontrando em marcha; conduzia apenas alguns cargueiros com sal e açúcar.

Quando saíram do Rio Grande, João Alberto observou que a comida também mudara. No seu *fogão* acamparam a partir daí alguns veteranos da revolução de 1893. Ele anotou que:

Em lugar de uma rês para trinta homens, como de uso na fronteira, tínhamos agora que alimentar com ela cento e vinte. Bóia de panela substituía a carne no espeto. Em compensação, encontrávamos com fartura milho verde, batatas, porcos e galinhas. A cavallhada ia-se enfraquecendo [...] E começávamos a andar a pé, o que exasperava os gaúchos. [...] O descontentamento alastrava-se, crescia. Quando chegamos a Barracão (PR) [...] quase mil homens abandonaram a luta, passando para o estrangeiro [...]. Ao continuar a marcha, [...] restávamos apenas mil e poucos homens.¹⁷

As forças do governo Artur Bernardes eram compostas por cerca de doze mil homens, comandada pelos generais Cândido Mariano da Silva Rondon, Nestor Sezefredo dos Passos e Octavio de Azeredo Coutinho. A tropa de São Paulo combatia nos sertões do Paraná há mais de quatro meses, aguardando a adesão de novos contingentes. Com a rendição de Catanduvás, a posição principal dos revoltosos sofreu sério colapso. A Coluna gaúcha se concentrou em Santa Helena com os remanescentes do movimento de São Paulo.

No entanto, com o fracasso de um acordo para deposição de armas em Monte Caseros, as operações de guerra continuaram e a Coluna precisou ser reorganizada. Foi criada a 1ª Divisão Revolucionária, constituída pelas brigadas *São Paulo*, com cerca de setecentos homens, e *Rio Grande*, com oitocentos, pouca munição, reduzido número de metralhadoras, dois canhões de campanha e um de montanha, com poucos tiros, e cerca de quinhentos animais.¹⁸

Ficou acertado que o general Isidoro Dias Lopes partiria para a Argentina, como chefe supremo da Revolução. Impunha-se um encontro entre Isidoro e Assis Brasil.¹⁹

¹⁷ BARROS, João Alberto Lins de. **Memórias de um Revolucionário: A Marcha da Coluna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1953, p. 68-69.

¹⁸ LIMA, Lourenço Moreira. **A Coluna...**, *op.cit.*, p. 125.

¹⁹ *Ibidem*, p. 115.

O major Miguel Costa, comissionado em general, ficou com o comando da Coluna. A brigada São Paulo passou a ser comandada pelo tenente-coronel Juarez Távora e a brigada Rio Grande, comandada pelo coronel Luiz Carlos Prestes.

Como o estado-maior da Coluna tinha decidido, precipitadamente, abandonar Guairá, e na impossibilidade de retomá-la, decidiu-se invadir Mato Grosso, atravessando a República do Paraguai em Porto Adela. No Porto Britânia, João Alberto embarcou seu destacamento em um pequeno vapor brasileiro, o *Assis Brasil*, que comportava cento e cinquenta homens, e desembarcou em Porto Adela, em território paraguaio. Na manhã seguinte, atracou no porto o vapor paraguaio *Bell* e foi apresado.

Depois de muita negociação como o capitão Ortiz, que comandava o porto paraguaio, e assinatura de uma declaração, desembarcaram. Seguiram, então, por mais dois dias de marcha até o sul do estado de Mato Grosso. O resto da Coluna demorou dois dias para atravessar o rio, pelos portos Mendes e Artaza. O embarque da artilharia foi relativamente fácil, descendo os canhões na zorra movida a vapor. O desembarque, porém, foi difícil, bem como a subida para a vila paraguaia.²⁰ A primeira patrulha das forças legalistas, comandadas por Rondon, apareceu umas nove horas depois do embarque do último homem. O tenente-coronel João Cabanas fora excluído das forças da divisão, porque desertara quando se fazia a passagem por Porto Adela.²¹

A entrada em Mato Grosso

A distância de Porto Adela à linha divisória, na serra de Maracaju, era de 125 quilômetros. A quase totalidade da tropa seguiu desmontada. Prestes fez essa travessia a pé, junto com muitos soldados imberbes, de doze a vinte anos, vindos do Sul. Desde novembro, o governo de Mato Grosso havia concentrado as forças vindas de Ponta Porã e Campo Grande no Porto D. Carlos.

O regimento João Alberto chegou ao estado no final de abril de 1925, atravessou em canoas, nesse mesmo dia, o rio Iguatemi, em Porto Lindo, passando a cavallhada a nado. Pouco depois, no mesmo dia, o grosso da Coluna acampou na fazenda Jacareí.²²

²⁰ *Ib.*, p. 126-127.

²¹ PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991, anexo 19, boletim n. 8, p. 427.

²² Propriedade de Ataliba Baptista, pai de Ernesto Vargas Baptista; inicialmente habilitado da Matte Lorangeira, tornou-se depois proprietário de terras e forte comerciante em Sacarón, Patrimônio da União

Demoraram naquela fazenda, seguindo depois para Sacarón,²³ onde aguardaram a chegada da artilharia, durante vários dias.²⁴ Os caminhos não se prestavam ao transporte dos canhões, como descrito por Lourenço Lima:

Nas passagens dos rios os canhões eram puxados, muitas vezes, a laço por debaixo d'água e nos atoleiros dera um trabalho imenso. A nossa campanha devia ser de movimentos rápidos e fulminantes, o que a artilharia não permitia, constituindo em verdadeiro estorvo a nossa marcha. O QG resolveu, pois, abandoná-la, expedindo ordem para isso. Os capitães Hall, que a comandava, e Ary, cujo esquadrão a escoltava, cumpriram essa ordem. Mas no dia seguinte, mudaram de ideia, e voltaram ao ponto onde haviam escondido os canhões, no Paraguai, para levá-los até o território nacional, o que fizeram, abandonando-os em terras da fazenda Jacaré.²⁵

Parte da guarnição da artilharia, depois disso, desertou para o Paraguai, para onde seguiu o capitão Hall, devido ao seu estado de saúde. A melhoria das condições que o grosso da tropa encontrou ao entrar nesse estado, contudo, foi impactante. “A quantidade imensa de gado, mate e outros recursos ali existentes, forneceram boa alimentação aqueles homens que há tanto tempo passavam miseravelmente. Além disso, principiamos vestir, calçar e montar a tropa”.²⁶

No início de maio, o batalhão Cordeiro de Farias ocupou o Porto D. Carlos, na margem do rio Paraná, batendo-se com o inimigo durante um dia e uma noite, não permitindo que ele avançasse contra a direita da Coluna.

Os exageros costumam ser constantes em depoimentos que narram eventos guerreiros e, com recorrência, é difícil identificá-los. Outra narrativa, a de Nenê Saldanha, deixa claro quando a posição do observador se aproxima da narrativa oral:

(atualmente, Amambaí), Ponta Porã e Campo Grande. Em depoimento, ele não guardava boas lembranças: “chegaram a Porto Novo, no rio Iguatemi, foram ao erval Jacaré, sede de Ataliba Baptista, margem direita do rio, onde encontraram forças de Ponta Porã. Ricardo Isnardi, habilitado da Matte na margem esquerda do rio Iguatemi, tinha rádio e ouviu as notícias sobre a revolução. O pai de Ernesto pegou uma carreta e foi para Nú-verá. A Coluna ficou muitos dias na região, quando estiveram em Sacarón, saquearam sua loja e quebraram muitos perfumes”.

²³ Hoje Iguatemi.

²⁴ LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna...*, *op.cit.*, p. 134.

²⁵ *Ibidem*, p. 135.

²⁶ *Ib.*, p. 135-136.

Lá perto de D. Carlos, naqueles sertões, o coronel Valencio de Brum estava lá com seus trinta e dois ou trinta e três homens. Quando os revoltosos encostaram ali para descer, foram atacados pelo coronel Valencio. Aí eles brigaram dois dias. Morreu o subcomandante da tropa do coronel Valencio, que era irmão dele, e outros escaparam. Dizem (e eu tinha dois tios que estavam lá) que havia muitos feridos na praia. O coronel Valencio estava lá no mato com o pessoal dele. Lá estava também o Antônio Guapo, que era um carrasco. O coronel Valencio disse para ele: *“no outro dia cedo, depois que todo mundo for embora, tu vás lá à praia, vê o que tem lá, se tem algum ferido que precisar ajudar, você ajuda”*. Lá foi o Antônio Guapo. Afiou bem sua adaga e foi para lá, tinha uns trezentos ou quatrocentos revoltosos, todos feridos e quando o viram, já gritaram: *“vem aqui, me ajuda aqui, eu não posso sair daqui, estou mal”*. Ele respondeu: *“fica quieto aí, eu vou ajudar todos vocês”*. Ele ia com aquela adaga, rasgava a barriga deles e jogava n’água. Matou todos. Naquele tempo era duro.²⁷ Eu nasci naquela época, no começo de 1925.

Esse batalhão marchou depois para Patrimônio de Dourados,²⁸ do qual se apossou, após haver batido uma força patriótica nas suas cercanias, reunindo-se depois à Coluna, a uma légua da sede desse distrito. O batalhão Virgílio dos Santos ocupou Porto Felicidade, no rio Amambaí e, em seguida, a vila de Campanário,²⁹ sede da Empresa Matte Laranjeira.³⁰ Na figura abaixo estão mostrados os locais onde houve combate com a Coluna (pontos pretos) e a área que ainda continuava arrendada pela Matte Larangeira no ano de 1925.

²⁷ Depoimento tomado pelo autor. Saldanha esteve muitas vezes com Antônio Guapo, de quem escutou essa história.

²⁸ Atual cidade de Dourados.

²⁹ LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna...*, *op.cit.*, p. 134.

³⁰ Na Fazenda Manga, a 30 quilômetros ao norte de Sacarón, de propriedade da Empresa Matte Larangeira, com a sede toda cercada de valetas de trincheira, ficaram inúmeros corpos em decomposição e insepultos, resultado do ataque da Coluna Prestes (Ernesto Vargas Baptista, em depoimento tomado pelo autor).

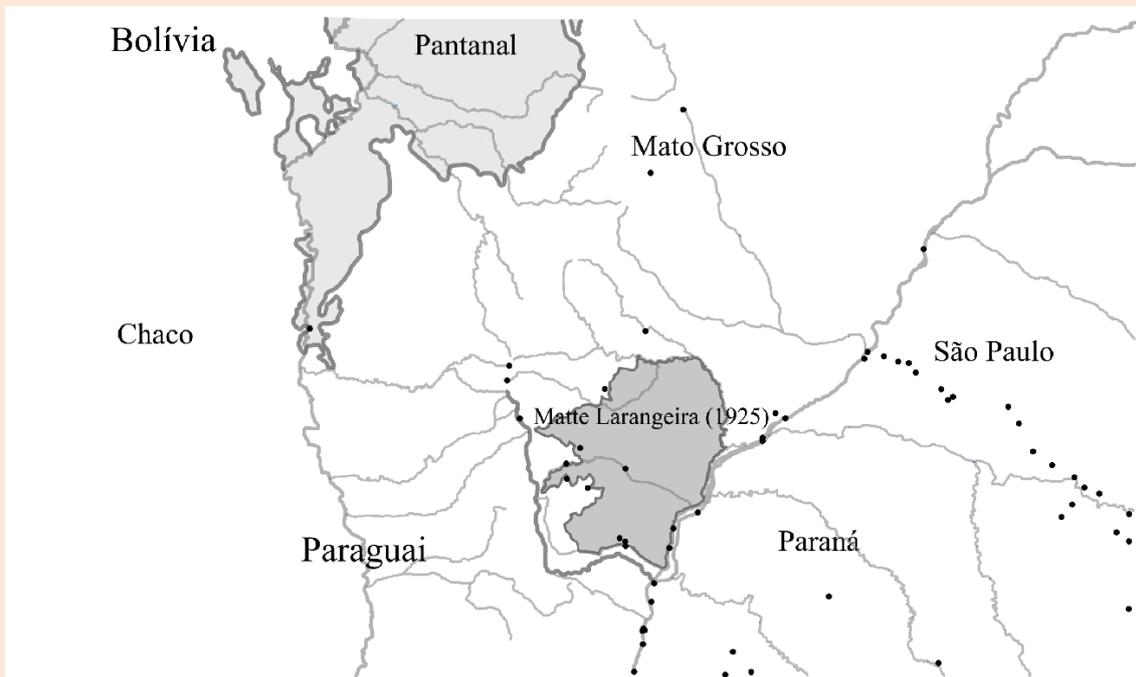


Figura 1. A marcha da Coluna. Fonte: Desenho próprio a partir das folhas 8 e 9 da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

As potreadas

Ao gaúcho em luta pouco interessava a vestimenta, fato confirmado por Lourenço Moreira Lima. “É na montaria que concentra todas as exigências”. Algumas vezes, quando o cavalo caía reventado de cansaço, ele transportava os arreios nas costas até encontrar novo animal. A procura do cavalo representava uma verdadeira fase da luta.

Os soldados aventuravam-se aos grupos a caminhadas enormes e perigosas à simples e vaga notícia da existência de uma cavallhada. De volta à Coluna, quando bem-sucedidos, entregavam o produto da busca (ou “requisição”, como geralmente denominam essa apropriação) ao comandante do destacamento, guardando para eles os melhores animais.³¹ Ali, então, tiveram início as *potreadas*, pequenas patrulhas de cinco a quinze homens que se afastavam para os flancos, a fim de arrebanhar animais, e que se tornaram úteis exploradores.

³¹ BARROS, João Alberto Lins de. *Memórias...*, *op.cit.*, p. 76-77.

Os *potreadores* se distanciavam muitas vezes, trinta a cinquenta léguas do grosso da Coluna, “devassando grandes áreas, descobrindo o inimigo onde ele se achava, incomodando-o e trazendo-o sempre em sobressalto, na incerteza da nossa direção. Sua audácia não encontrava nada que se lhe comparasse”. Entravam em vilas e cidades, das quais se apossavam, regressando passados muitos dias, trazendo as cavalcadas que arrebanhavam, combatendo e perdendo companheiros, sem nunca desanimar.

Lourenço Moreira Lima descreveu que “foram incalculáveis os atos de heroísmo praticados anonimamente por eles na vastidão de nossas selvas. A notícia de suas correrias audaciosas povoara a mente supersticiosa dos nossos sertanejos, envolta numa nuvem de lendas e de sonhos”. Ao se separarem da Coluna, eles eram informados da direção da marcha para que pudessem alcançar. “Houve *potreadas* que não mais regressaram, aniquiladas pelo inimigo. Outras percorreram centenas de léguas, até nos encontrar”.³² Esse autor reconheceu que houve alguns excessos em começo da entrada em Mato Grosso, “mas foram reprimidos, sendo, entretanto, justificáveis. Éramos recebidos à bala pelos habitantes dos lugares por onde transitávamos, como se fossemos inimigos”.

Os nossos homens não tinham quartel. Os prisioneiros eram degolados. As *potreadas*, colhidas por emboscadas. Nasceu a natural reação. Não dispúnhamos de dinheiro para comprar o indispensável a nossa tropa. Houve, portanto, no princípio, certa licença, não só porque precisávamos nutrir, vestir e montar à força, pelo fato de não podermos respeitar os bens de indivíduos que se constituíram nossos inimigos...³³

Panchita

Diversos depoimentos tomados de moradores dessa região refletem a apreensão vivida pela passagem da coluna e descrevem as perdas de roupas, objetos e dinheiro, mas, sobretudo, animais para alimentação ou montaria. Alguns homens fugiram para o mato com medo de serem mortos e deixaram as mulheres com os filhos nas casas. A seguir, por outro depoimento de Nenê Saldanha, pode-se avaliar como os habitantes da região foram abordados pelos revoltosos.

³² LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna...*, *op.cit.*, p. 136.

³³ *Ibidem*, p. 137-138.

Nenito Brizueña foi até as terras de meu pai e pediu a carreta para levar um pouco de mercadoria e esconder no mato, do outro lado do *corguinbo* que fazia divisa. Ele deu três ou quatro viagens, mas não adiantou nada, metade ficou lá. Os revoltosos acabaram achando o restante e levaram tudo. Isso era para diante de Patrimônio da União, no Yaguari, mais precisamente na Panchita. Quando os revoltosos chegaram, o Nenito, que já tinha abandonado sua loja, esperava por lá, naqueles campos limpos, para ver o que estava acontecendo. Eles chegaram ao piquete da frente, vinham a cavalo sempre. Ele estava montado numa mula muito boa, mas ele apeou e guardou um saquinho com dinheiro em um buraco de tatu. Depois, eles saíram para o lado da fazendinha de meu pai e no outro dia, seguindo o rastro da carreta foram sair lá. Mas nesse trajeto, pegaram o Nenito. Ele estava por ali, facilitando, quando ele viu, os revoltosos já o haviam cercado. Falaram para ele apelar, montaram na sua mula e se foram. Deram um cavalo velho para ele, cansado. Passado um mês e pouco, ele voltou para pegar o dinheiro, porque só o dinheiro sobrou.

“A marcha pelos campos do Amambaí era fácil. Havia cavallhada e gado em abundância”, escreveu João Alberto.³⁴ Em depoimento, Ernesto Baptista detalhou essa passagem. “Em Panchita, na beira do caminho que ia a Ponta Porã havia um *chorro* (cachoeira), em uma erosão. Os revoltosos acamparam nessa baixada, chovia muito. Então, estenderam os ponchos vermelhos nas cercas”. O comandante do 11º RCI mandou dois destacamentos, com vinte caminhões, para combater a Coluna.

Encontraram os inimigos descansando assim que subiram uma coxilha e, “tomados ambos os grupos de surpresa, mesmo usando metralhadoras, o esquadrão foi derrotado pela experiência e agilidade dos revoltosos. O tenente, então, deixou no comando um sargento e foi de caminhão até Ponta Porã, buscar reforços. Foi preso quando chegou ao quartel e voltou a ser soldado raso”.³⁵ Os caminhões foram apreendidos e utilizados para avançar, naquela mesma noite, até Patrimônio da União.

³⁴ BARROS, João Alberto Lins de. *Memórias...*, *op.cit.*, p. 89.

³⁵ Depoimento de Ernesto Vargas Baptista.

Panduí

Ernesto continuou contando detalhes desse evento. “O 17º B.C. fez trincheiras dos dois lados da ponte do córrego Panduí para esperar a Coluna, mas ela contornou e quando perceberam, recuaram para trás de um morro”. Após um combate, os revoltosos entraram na vila. Pedro Ângelo da Rosa acrescentou que o coronel Mário Gonçalves, comandante do 50º R.C. da Reserva,³⁶ que estava acampado em Nũ-verá, junto com a 2ª. Cia. do 16º. B.C., ao saber da entrada dos revoltosos em Patrimônio da União, marchou para o passo do rio Amambaí, atravessou o rio e mandou incendiar a ponte. Ficou entrincheirado com 132 homens para aguardar o inimigo e esperar o auxílio do 11º R.C.I.³⁷

No dia seguinte, o coronel recebeu um aviso comunicando-lhe que o cel. Pérciles de Albuquerque, chefe do Destacamento Sul de Mato Grosso, e o major Raul Tupper, comandante em Ponta Porã, haviam abandonado aquele quartel,³⁸ retirando todo o efetivo para Campo Grande. No dia 8, uma reunião com os comandantes de unidade aprovou a proposta do chefe do estado maior do destacamento, cap. Aquiles Coutinho, para abandonar Ponta Porã. À tarde, esse capitão seguiu em automóvel para Campo Grande. Naquela noite, a guarnição deixou a cidade. Essa atitude foi reprovada, posteriormente, pelo general Malan.³⁹

O coronel Mário Gonçalves, em razão disso, ordenou a retirada no dia seguinte e, chegando àquele quartel, encontrou-o abandonado. Prosseguindo a marcha, passou pela cabeceira do Cipó e chegou a Cabeceira do Apa, encruzilhada de estradas no caminho para a cidade de Campo Grande, onde fez junção com o restante do 11º RCI, que ali se encontrava. Havia outras tropas do Paraná, de Bela Vista, de Corumbá, de Cuiabá e um contingente da força pública do estado de Mato Grosso, sob o comando do major Daniel de Queirós.

A ordem era para continuar a retirada até Campo Grande, com o 50º B.C. de Reserva fazendo a retaguarda. Enquanto isso, o destacamento de Siqueira Campos alcançara o de João Alberto na ponte do rio Amambaí e, juntos, seguiram para Ponta Porã.

³⁶ Com o pessoal do Serviço Estadual da Guarda da Fronteira. KLINGER, Bertholdo. **Narrativas Autobiográficas**. v. III: Tempo Cente de Majór. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1948, p. 169.

³⁷ ROSA, Pedro Ângelo da. **Resenha...**, *op.cit.*, p. 57-58.

³⁸ A guarnição de Ponta Porã era formada por um regimento de cavalaria, um batalhão do 3º RI, que chegara havia pouco, e o 50º, composto por civis, num total de oitocentos homens (cerca de seiscentos, segundo Klinger).

³⁹ KLINGER, Bertholdo. **Narrativas...**, *op.cit.*, p. 165 e 180.

Ponta Porã

Enquanto se aguardava o desfecho daquela situação, a população dessa cidade ficara apreensiva. Mais ainda com a retirada do regimento. Tanto a população em geral como seu comércio imigraram para a cidade vizinha de Pedro Juan Caballero, no Paraguai. Até os documentos e livros dos cartórios, por ordem do juiz de direito Dr. Eurindo Neves foram transportados para o Paraguai, em vista da falta absoluta de garantias. Os caminhões e carroças não pararam de rodar dia e noite carregados de utensílios domésticos e mercadorias. À noite, começou um saque de vulto no quartel do 11º RCI. Pedro Ângelo da Rosa acusou que:

Grupos de pessoas desclassificadas, de ambos os lados, brasileiros e paraguaios, saíam a pé, outros com carroças carregadas, e, atravessando a fronteira, levaram tudo que podiam: roupas, móveis, víveres, máquinas, espelhos e objetos das mais variadas utilidades. A cidade estava acéfala e ninguém podia pôr um paradeiro àquele estado de coisas, que se presenciava com indignação e tristeza.⁴⁰

O caso despertou as atenções do Dr. Rafael Bandeira Teixeira e da brigada Jesuíno Ribeiro,⁴¹ adeptos da revolução, que também se achavam emigrados no Paraguai. Reuniram alguns companheiros e ocuparam o quartel, organizaram uma guarda, e assim conseguiram fazer cessar aquele saque. A 10 de maio, a primeira tropa revoltosa entrou em Ponta Porã. João Alberto disse que foram “recebidos com simpatia” e descreveu momentos de folga de seus comandados.⁴²

Jeroquís

⁴⁰ ROSA, Pedro Ângelo da. *Resenha...*, *op.cit.*, p. 58-59.

⁴¹ Entre eles os sargentos Waldemar de Paula Lima, Agrícola Baptista, Adalberto Granja e Timotheo Ribeiro. LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna...*, *op.cit.*, p. 142.

⁴² BARROS, João Alberto Lins de. *Memórias...*, *op.cit.*, p. 90.

Pedro Juan Caballero tinha uma vida bem mais alegre e movimentada que Ponta Porã. Sobretudo vida noturna. “Havia lá uma dezena de *jeroquís*,⁴³ pequenos cabarés funcionando em casas de taipa, com chão de barro batido, onde se dançava toda a noite com as *chinas* a polca paraguaia, tocada por violinos e violões”.⁴⁴ Os ponta-poranenses que não podiam cometer tais excessos, pela “severidade dos costumes”, não precisavam mais que atravessar a rua que servia de fronteira.

Avisado, logo ao chegar, do que poderia acontecer na vila paraguaia, João Alberto foi ao encontro do chefe local concertar as providências sobre o policiamento. Ao regressar, escalou as patrulhas de policiamento para Pedro Juan Caballero e distribuiu a tropa de modo que, durante os dois dias que pretendiam “estacionar à espera do resto da Coluna”, só metade do destacamento visitasse o Paraguai cada noite. Presenciou, no entanto, entre seus homens, “grande excitação ante a possibilidade de uma noite alegre”. Ele registrou que:

Os *jeroquís* ficaram logo repletos de nossa gente. Os paraguaios, de mau humor. A proibição da venda da cachaça não era observada. Nossos homens não tinham com que pagar as despesas, mas nem por isso deixavam de consumir liberalissimamente. Não tardou o primeiro conflito e o tiroteio generalizou-se. Nossas patrulhas recolheram os desordeiros ao acampamento. Em vão! Só repousei ao clarear o dia, quando não havia homem nem mulher nos *jeroquís*. O barulho tinha sido, porém, maior que o efeito. Apenas três mortos, sendo um deles paraguaio, e uma dezena de feridos. Senti, então que seria loucura passar outra noite em Ponta Porã e, reunindo o destacamento, acampeei a dez quilômetros da Cabeceira do Apa, para onde o adversário se retirara.⁴⁵

Um reduzido grupo de mulheres sempre acompanhou os revoltosos. A coluna levava *vivandeiras*, mas seu número não ultrapassava cinquenta. Essas mulheres eram tratadas com rigor, sendo proibida a incorporação de novas voluntárias. Quando saíam de qualquer localidade, a retaguarda incumbia-se de fazê-las retroceder.⁴⁶

⁴³ *Jeroki*, em guarani, pode ser traduzido por dança ou baile, não cabaré; contudo, a expressão popular estendeu esse significado.

⁴⁴ BARROS, João Alberto Lins de. *Memórias...*, *op.cit.*, p. 90.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 91-92.

⁴⁶ “Na passagem do rio Uruguai, Prestes proibiu que elas prosseguissem, mas, na manhã seguinte, quando a Coluna se pôs em marcha, ele viu, com espanto, que o belo sexo transpusera o rio e já estava montado. Como eram raparigas procedentes do Rio Grande do Sul, Prestes teve pena de largá-las naqueles sertões desertos e deixou que continuassem a viagem. As *vivandeiras* provocavam muitas vezes distúrbios entre os soldados, e no começo da invasão de Mato Grosso julgavam-se com o direito de invadir as casas de

família, mas esses abusos foram logo reprimidos com severidade. Muitas eram casadas e outras amasiadas, acompanhando os seus maridos. Uma enfermeira era austríaca. LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna...*, *op.cit.*, p. 130-132.

Cabeceira do Apa

O QG da Coluna, partindo de Sacarón, passou em Marcolino-cuê, Panchita, Panduí, chegando no dia 10 em Patrimônio da União. No dia seguinte, o general Miguel Costa seguiu de automóvel, com o seu estado-maior, para Ponta Porã, atravessando o rio Amambaí e entrando ao meio dia nessa cidade.⁴⁷ Prestes era de opinião que se devia forçar a marcha e atacar o adversário imediatamente, o mais cedo possível, sem lhe dar tempo a refazer-se do pânico.⁴⁸ O regimento de João Alberto, depois de três dias de *jeroki popo*,⁴⁹ já havia marchado em perseguição às forças do cel. Péricles. Elas foram alcançadas na Cabeceira do Apa. Ao serem atacadas, se entrincheiraram. Depois da luta, João Alberto mandou o seguinte bilhete a Prestes:⁵⁰

Ponta Porã, 14-5-925 – 20 h

Acabo de chegar da Cabeceira do Apa onde tive um combate com a coluna inimiga.

Contrariamente ao que te informaram, o inimigo andou mais ligeiro do que diziam, e desde ontem que estavam em posição, à minha espera.

Durante a aproximação fui tiroteado quatro léguas aquém do Apa, por 20 homens bem montados. Atropelei; e na madrugada de hoje, ataquei as posições inimigas.

Até 3 horas da tarde combati fortemente e a coluna inimiga retirou quase completamente, deixando uma guarda de retaguarda de cerca de 100 homens de infantaria e 60 de cavalaria.

Mas notando que meu fogo estava fraco pela falta quase absoluta de munição e extensão desproporcionada da nossa linha, a cavalaria inimiga atacou o flanco esquerdo que debandou. Como resultado, quase toda a força debandou, forçando-me a recuar meia légua, depois do que consegui opor resistência.

Às 16 horas, chegou o Siqueira que avançou um pelotão, fazendo parar a cavalaria inimiga.

Em resumo:

consegui desalojar o inimigo e pô-lo em marcha;

sofri um contra-ataque que me fez perder as posições conquistadas.

⁴⁷ Ibidem, p. 142.

⁴⁸ BARROS, João Alberto Lins de. *Memórias...*, *op.cit.*, p. 92.

⁴⁹ Corresponde aproximadamente a “dança saltitante”, mas refere-se à forma alegre de dançar a polca paraguaia.

⁵⁰ LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna...*, *op.cit.*, p. 550-551.

Creio bem que o inimigo não voltará a ocupar o Apa, mas de qualquer maneira acho que só teremos eficácia quando atacarmos de conjunto pela retaguarda e flanco.

Fiz prisioneiro o 1º tenente Sayão que me informou haver chegado, ontem, como chefe de E. M., o Klinger, e que a concentração do governo será em Campo Grande, onde esperam, a cada momento, 1.000 homens da polícia gaúcha.

Sem mais, aguarda tuas ordens o

João Alberto

Vim a Ponta Porã buscar munição e ver se te falava. Como perdas, tive 10 feridos e alguns extraviados cujo número só amanhã precisarei.

Observa-se que João Alberto trocou a objetividade deste bilhete por uma narrativa mais detalhada e dramática em suas *Memórias*,⁵¹ por razões óbvias. Algumas diferenças nas datas ofereceram a oportunidade de alterar a narrativa, como no caso da chegada de Siqueira Campos à Cabeceira do Apa.

Com uma carga de cavalaria dada pelas tropas civis do coronel Luís Carreteiro, do coronel Benício e do capitão Preto, tomamos as alturas que dominavam o acampamento, fazendo uma centena de prisioneiros. Logo instalei duas metralhadoras pesadas abrindo fogo e causando confusão no meio inimigo. Havia ali, aos meus pés, mais de dois mil soldados que poderiam ser batidos ou mesmo aprisionados se eu dispusesse, pelo menos, de quinhentos homens. Infelizmente, porém, eu só contava então com duzentos, pois havia deixado forças guardando pontos importantes à retaguarda a fim de assegurar as ligações com a Coluna. Apesar do pânico causado pelo nosso ataque não nos foi possível explorar o sucesso. Duas companhias de metralhadoras pesadas do adversário, atirando febrilmente, detinham a nossa progressão.

O major Bertholdo Klinger apresentara-se em Campo Grande, pelo Natal de 1924, assumindo, um mês depois, o comando interino do 1º. Regimento de Artilharia Mista. De julho a novembro estivera preso no Rio de Janeiro, acusado de participar do levante de 5 de julho.⁵²

A mando do general Malan D'Angrogne, comandante da Circunscrição Militar, desde o dia 12 de maio, o major Klinger assumira o estado maior do Destacamento Sul

⁵¹ BARROS, João Alberto Lins de. *Memórias...*, *op.cit.*, p. 93-97.

⁵² KLINGER, Berthold. *Narrativas...*, *op.cit.*,. 20-21.

de Mato Grosso, estacionado na Cabeceira do Apa. Assim que chegou, deu ordens para que não se recuasse mais e passou a organizar os preparativos para a resistência. O comboio de carretas (requisitadas com seus carreteiros civis) permaneceu no meio da tropa. Os seis batalhões de Caçadores e regimentos de Cavalaria foram reduzidos a três companhias de Infantaria e um regimento de Cavalaria, mais uma escolta para o comando com 46 homens.⁵³ No dia 14, então, recomeçara o embate desde a madrugada.

João Alberto havia resolvido esperar até o anoitecer pela ajuda do efetivo de Siqueira Campos.⁵⁴ Às quatro da tarde do dia 15, porém, após retirar duas metralhadoras pesadas da linha de frente, para fazer um escalonamento de fogo, ele sofreu “uma carga de cavalaria em ataque frontal dado pela tropa civil do coronel Mário Gonçalves”.⁵⁵

Rechacado nas duas primeiras tentativas conseguiu ele, na terceira investida, quebrar a minha linha de combate desbaratando praticamente o 2º Destacamento que recuou em desordem por falta de uma tropa de reserva. Acompanhado pelo Caruncho que já me servira em situação semelhante em Alegrete, galopei, no meio da confusão, para uma das metralhadoras pesadas que instalara a uns quinhentos metros para trás. [...]. A grande experiência de luta que eu tinha, dava-me a certeza moral de que poderia com aquela metralhadora pesada sustar o ataque. Contava apenas com a potência de fogo da arma automática, mas sabia que na carga de cavalaria, depois de desencadeado o galope, os homens atuam muito mais pelo entusiasmo e pelo impulso do que pelo comando. [...]. O tiro rasante de minha metralhadora pesada ceifava cavalos e cavaleiros. Em poucos minutos, os atacantes, surpreendidos e sofrendo enormes baixas, estacaram a fim de localizar a direção do fogo que os dizimava. A confusão e o tumulto reinantes entre eles ajudavam-me. Apearam-se dos cavalos e estenderam-se em linha de atiradores. Eram cerca de cento e cinquenta, mas não traziam armas automáticas. O ataque de cavalaria malograra. O 2º Destacamento teria tempo para se reorganizar, mas eu continuava numa situação difícil. Minha metralhadora já fora localizada e eu sentia, cada vez mais próximo, o sibilar das balas adversárias.

⁵³ *Ibidem*, p. 167-168.

⁵⁴ Fui inventando recursos para ganhar tempo. Se conseguisse manter as minhas posições até o sol posto venceria a partida, porque Siqueira poderia ainda chegar a tempo de colaborar num ataque para o dia seguinte. BARROS, João Alberto Lins de. *Memórias...*, *op.cit.*, p. 94.

⁵⁵ *Idem*.

A situação, porém, mudou a favor dos revoltosos com a chegada de alguns homens extraviados da linha de combate que conseguiram escapar da carga de cavalaria detida pelo fogo da metralhadora. O núcleo de resistência foi assim aumentando. “Não tardei a avistar a nossa cavalaria que voltava para o contra-ataque. Os meus homens! Passaram como centauros pela minha posição dando gritos frenéticos e se atiraram contra o adversário”,⁵⁶ que se retirou em desordem.

O coronel Benício, que devia carregar com a cavalaria, veio ao nosso encontro, galopando do capão de mato onde se abrigavam os seus homens e disse-me sem rodeios, com franqueza de sempre: “Comandante, uma boa retirada é uma ação ganha”. Compreendi que provocar novo combate naquele momento seria uma imprudência. Preferível continuar a retirada cobrindo a direção de Ponta Porã, conforme eu havia escrito a Prestes, até receber informações do movimento do resto da Coluna, ...e dar aquele episódio do Apa por encerrado.⁵⁷

Pedro Ângelo da Rosa, filiado ao Partido Republicano Conservador, descreve o mesmo evento com outros olhos. “Ante a impetuosidade do ataque, depois de duas horas de fogo, o inimigo bateu em retirada, perseguido pela cavalaria até o passo histórico de Antônio João, na Colônia dos Dourados. Os revoltosos tiveram na ação oito baixas, caindo sessenta prisioneiros e grande número de feridos”.⁵⁸

O Destacamento Sul continuou a receber reforços na Cabeceira do Apa. Além de unidades militares, vieram, de Dourados, o “esquadrão de patriotas” de Otávio Neto e, de Bela Vista, a “farandula dos 44 voluntários (incluzive paraguaios!) do “coronel” Clemente Barboza”.⁵⁹ Em 18 de março, eram 66 oficiais e 1019 praças, destes, 253 “patriotas”, ou seja, civis. No dia 20, o coronel Péricles foi chamado a Campo Grande e Mário Gonçalves assumiu o comando. Logo, porém, o major Tupper voltou para Ponta Porã com seu R, C. e os demais constituíram o Destacamento Major Klinger. Só a 4 de junho esse destacamento seguiu para Campo Grande, desagregando as unidades.

Enquanto isso, ainda ao final da tarde de 15 de maio, João Alberto recebera uma comunicação de Siqueira Campos. Respondeu pedindo-lhe que acampasse mais atrás a

⁵⁶ *Ib.*, p. 96.

⁵⁷ *Ib.*, p. 98-99.

⁵⁸ ROSA, Pedro Ângelo da. *Resenha...*, *op.cit.*, p. 59.

⁵⁹ KLINGER, Berthold. *Narrativas...*, *op.cit.*,. 174 e 179.

fim de dar descanso à sua tropa, que deveria substituí-lo em serviço no dia seguinte. “Siqueira, a quem eu não via desde a passagem pelo Paraguai, combinou comigo um novo plano de ação depois de conhecer a situação real das tropas adversárias”.⁶⁰

Prestes revelou que sua concepção estratégica de não fazer combates decisivos determinou os rumos do enfrentamento na Cabeceira do Apa. Após o primeiro choque com o destacamento de João Alberto, a ameaça era de um ataque ainda mais forte.

Deu-se, então, uma primeira discussão na direção [da Coluna]. O Miguel era de opinião que devíamos travar um combate decisivo com o Bertholdo Klinger. E eu fui contra, me manifestei contra, porque aquilo não estava dentro do nosso objetivo estratégico, que era manter a luta, manter as barreiras da luta armada e, particularmente, ver se podíamos, com nossa ação, atrair forças do inimigo, para que os nossos companheiros, no Rio, tivessem mais facilidade para pôr o Bernardes abaixo. [...] A minha argumentação foi a seguinte: - Se travarmos um combate decisivo, se ganharmos, amanhã seremos obrigados a outro combate decisivo; e, se perdermos, está tudo perdido. Principalmente, na fronteira de um país estrangeiro. – Estávamos na fronteira do Paraguai e já muita gente voluntariamente estava fugindo, estava desertando.⁶¹

João Alberto, após dois dias de combate, tendo perdido o esquadrão de João Silva, que desertou para o Paraguai, marchou para Dourados. Siqueira Campos reuniu-se a ele. Seu destacamento vinha a cavalo, enquanto a brigada comandada por Juarez Távora vinha a pé.⁶²

“Contrastando com os gaúchos, o pessoal da brigada *São Paulo* não sabia pegar cavalo e, por isso, marchava a pé. Os paulistas iam se arrastando, com grande dificuldade, numa situação de desvantagem em relação aos gaúchos, afeitos àquele tipo de vida”.⁶³ Juntos, avançaram até Retiro Misael, duas léguas de distância da estação Rio Pardo, da estrada de ferro Noroeste do Brasil, e aí aguardaram a chegada da Divisão.⁶⁴ Um dia

⁶⁰ ROSA, Pedro Ângelo da. *Resenha...*, *op.cit.*, p. 97.

⁶¹ LCP, fita 4(B), p. 25, *apud* PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna...*, *op.cit.*, p. 188-189.

⁶² PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna...*, *op.cit.*, p. 190-191.

⁶³ LCP, fita 4(B), p. 24, *apud* PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna...*, *op.cit.*, p. 190.

⁶⁴ LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna...*, *op.cit.*, p. 142-143.

antes, o grosso da tropa, que se achava em Campanário e na ponte do rio Amambaí, começara a se deslocar para Patrimônio de Dourados.

No dia 15, o QG deixou Ponta Porã. O general Miguel Costa foi de automóvel até Campanário, onde ainda estava Juarez Távora, com o batalhão Virgílio dos Santos. Regressou ao acampamento da brigada *Rio Grande*, a duas léguas daquela cidade, à tarde. Em Campanário, o general recebeu uma carta do capitão Hall comunicando que seguia para o Paraguai, devido ao seu estado de saúde. Também o major Coriolano de Almeida Junior e os tenentes Cunha e Ralff abandonaram a Divisão em Ponta Porã.⁶⁵

Dali para diante não haveria mais oportunidade de abandonar a luta e emigrar. O comando fez as *requisições* indispensáveis junto à Empresa Matte Larangeira, para vestir e alimentar a tropa. Após a vitória da Revolução de 1930, a empresa apresentou a conta ao governo de Getúlio Vargas, conforme depoimento de Luís Carlos Prestes:

A capital da Matte Larangeira era a cidade de Campanário. Havia um grande armazém nessa cidade. Tão grande, que nós requisitamos mercadorias no valor de 200 contos, mais ou menos. Naquela época, era muita coisa, 200 contos de mercadorias. Tivemos que dar recibo de que recebemos aquele material: calçado, botas, arreios [...] Estava chovendo muito e fazendo frio, no Sul de Mato Grosso [...] Compramos umas peças de uma lã vermelha, uma lã chamada baeta e dávamos um metro e pouco, um metro e meio, um metro e vinte, para cada soldado fazer um poncho. Quer dizer, cortava assim, para passar a cabeça e botava aquele poncho. A Coluna ficou toda de vermelho. A Coluna ficou toda de poncho. Poncho Vermelho!⁶⁶

Considerações Finais

A aproximação da narrativa autobiográfica ao depoimento oral, ambos próximos da narrativa de ficção, é evidenciada por estes relatos. As escalas são partes integrantes da análise. Abordar a questão de escala ao mesmo tempo como dimensão intrínseca ao objeto e como opção cognitiva escolhida pelo autor, “implica uma ruptura com uma lógica de escalas pré-constituídas, mobilizadas automaticamente”.

⁶⁵ *Idem.*

⁶⁶ LCP, fita 4 (A), p. 23-24, *apud* PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna...*, *op.cit.*, p. 190.

As escalas são tanto um assunto de escolha intelectual como são induzidas por situações concretas de ação próprias aos objetos estudados. Em regra geral, os objetos empíricos escapam a abordagens de foco único. Werner e Zimmermann explicam que “de um ponto de vista temporal, elas colocam a questão das temporalidades do observador, do objeto e de suas interferências na confluência entre empiria e metodologia”.⁶⁷

É a Coluna foi para o interior do Brasil

No dia 16 de maio, a Coluna iniciou a marcha para a estação de Rio Pardo, conforme relatou Lourenço Moreira Lima. O esquadrão dispersou uma força patriótica, pouco além da margem esquerda do rio Dourados. “A travessia foi feita em uma balsa desmontável armada sobre barris”, preparadas ainda em Ponta Porã. Passaram a uma légua do Patrimônio de Dourados, que estava ocupado pelo batalhão Cordeiro. Aí ele se reuniu à Coluna. Dia 20, a Coluna recebeu a seguinte carta:⁶⁸

Srs. Major Miguel Costa, capitão Prestes e demais chefes dos Revolucionários em Mato Grosso.

Meus destemidos camaradas.

Apresento-lhes meus cumprimentos com o propósito de convidá-los a pôr termo a inglória luta pelas armas.

O destacamento onde sirvo está, só ele, com o efetivo equivalente ao total dos vossos combatentes.

Já vos rodeiam outros destacamentos e continua crescendo o efetivo das tropas fiéis ao governo, que de toda parte vêm chegando, inclusive do Rio Grande do Sul.

Se não for por uma completa subversão da lógica dos fatos, não mais podeis pretender êxito para vossa causa.

Apelo, pois, para vosso patriotismo, que tem sido certamente o supremo móvel de vossa ação, afim de ter afinal um termo esta luta ingrata, que já agora só pode, sem outro resultado, aumentar a desgraça do País e de seus filhos, cavar mais fundo a cisão e aumentar os ódios.

⁶⁷ WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Pensar..., *op.cit.*, p. 101-102.

⁶⁸ LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna...*, *op.cit.*, p. 143-144.

Ofereço de iniciativa exclusiva minha que será imediatamente posta em aplicação sob minha inteira responsabilidade pessoal se aceitardes o seguinte:

1 – Todas as forças Revolucionárias de Mato Grosso entregam suas armas, munições, cavalos e todo o material de qualquer espécie que tenha em seu poder.

2 – Todos os oficiais e um décimo das praças a critério dos Chefes revolucionários terão livre trânsito para passarem incontinenti a fronteira mais próxima.

3 – Pormenores a fixar entre um chefe representante dos revolucionários e um representante meu.

Vosso camarada,

Major Bertholdo Klinger

Comandando um destacamento.

Os revoltosos mantiveram os emissários da carta como prisioneiros e queimaram o carro que os conduziu. Oito dias depois, Klinger reiterou o oferecimento em nova carta, desta vez, tendo como portador Ricardo Mendes Gonçalves.

Dezenove meses depois, a Coluna Prestes retornou a Mato Grosso, combateu em Córrego Seco, próximo a Porto Murtinho. Em março de 1927, os revoltosos remanescentes refugiaram-se na República da Bolívia. Antes, Siqueira Campos entrara no Paraguai, com 65 companheiros. Dez deles seguiram-no até Assunção. De lá, fez frequentes viagens a La Gaíba, na Bolívia, onde estava internada a Coluna.